

A inserção da África Islâmica nas Rotas da Seda:
o testemunho de Ibn Battuta, o tangerino (século XIV)

Rafael Farias de Menezes (licenciado em História - UFRGS)

* * *

Quando se objetiva estudar o período histórico anterior ao fenômeno da expansão marítimo-comercial européia de primórdios da Idade Moderna, defrontamo-nos com alguns problemas. O primeiro deles diz respeito à pesquisa sobre o mundo medieval que, apesar de seus estudos estarem em ascensão no Brasil na última década¹, ainda se encontra em limitada área de atuação (seja nas escolas, muitas delas não abordando o período, ou mesmo em muitos cursos universitários que não aprofundam as questões particulares do medievo, as agrupando com tópicos da Antigüidade em uma mesma disciplina de seu currículo). Outro problema existente é quando o pesquisador decide aprofundar ainda mais o estudo deste período partindo para estudo de povos que se desenvolveram *durante* a Idade Média européia. Neste ponto não são civilizações medievais propriamente ditas, e sim *extra-medievais*, que se processam fora dos padrões e da dinâmica peculiar ao ocidente medieval. É o caso das Rotas da Seda, um dos focos deste artigo.

O estudo das Rotas da Seda nos traz como grande desafio a quebra do eurocentrismo no enfoque historiográfico – algo que por si só é válido e motivador para qualquer análise. Além do que, no caso das Rotas da Seda, a existência de relatos de viajantes da época³ são fontes primárias que auxiliam o trabalho do pesquisador.

Mas sendo uma empreitada possível e válida, o que seriam as Rotas da Seda e sua importância no mundo extra-europeu durante a Idade Média?

Ao falamos em Rotas da Seda nos vêm associado à mente imagens de locais exóticos do oriente⁴, da misteriosa China, dos fantásticos relatos de Marco Polo, etc. Todavia, indo além deste senso comum, sabemos que durante a Idade Média havia contatos entre os *extremos* do

mundo conhecido. Assim sendo, as Rotas da Seda seriam caminhos de ligação (tanto terrestres quanto marítimos) entre as partes oriental e ocidental deste mesmo mundo durante a Idade Média.

Mas devemos levar em consideração que houve várias, mas não ilimitadas, rotas de ligação entre povos muito distantes entre si. Isso porque as grandes distâncias e as dificuldades no relevo não permitiam grande variedade sob o risco entrar em trilhas desconhecidas, perdendo assim a orientação.

Pelo fato do conceito de Rotas da Seda estar mais relacionado a interligações no setor euro-asiático, este trabalho⁵ visa explorar uma outra perspectiva: estaria o continente africano (em especial a faixa islamizada) fazendo parte, inserido dentro desse fluxo de ligação?

Esta pergunta se funda pelo fato, já mencionado anteriormente, de se pensar as Rotas da Seda como via de ligação terrestre entre China e Europa⁶. Baseado nas fontes primárias existentes, já citadas em nota anterior, temos noção do aspecto limitado desta afirmativa – ela englobava outras áreas e outros meios de ligação (como os marítimos, utilizando o oceano Índico como espaço). E nestas outras áreas, a África estaria inserida dentro de tais rotas?

Para responder a estes problemas devemos nos focar sobre uma noção de inserção. Em outras palavras, como um continente pode se inserir num processo ou contexto maiores? Sabemos que não é algo que ocorre naturalmente. Para entendermos isso devemos traçar a relação do continente (África) em um contexto próprio (o das Rotas da Seda), no qual há a integração do primeiro ao segundo e os fatores motivadores de integração – rotas comerciais e a peregrinação religiosa, fatores que combinados conferem particularidade ao Islã.

Antes de desenvolvermos estas questões é necessário definir que não estamos englobando todo o continente africano, e sim a África Mediterrânica (influenciada pelo islamismo) em conjunto com franjas de povoações logo abaixo da região saariana – como o império do Mali. É esta África que estamos nos referindo⁷.

Voltando à questão, acreditamos que as Rotas da Seda englobaram a África devido à *civilização islâmica* (conceito tal como é entendido por Bernard Lewis) – esta, ao integrar uma faixa de terra maior e que se estende até o Vale do Indo, conecta a faixa islamizada da África de forma muito mais integrada junto às estepes asiáticas⁸.

Esta inserção da África mediterrânea às Rotas da Seda dá-se, portanto, devido à interação ao mundo islâmico. A expansão deste fez com que houvesse uma ligação (embora em vias limitadas – o deserto é uma prova da dificuldade de locomoção e da limitação de caminhos) entre os setores orientais e ocidentais do mundo conhecido. Além do que o mundo islâmico se sobrepõe e se integra às Rotas da Seda – mas não só à China, grande referência econômica e comercial durante a Idade Média. O mundo islâmico deve ser entendido como espaço de relações entre si e entre os outros povos (também a China, mas não só ela). Algo diferente da ida de europeus (ou melhor, homens da cristandade) àquela região⁹.

Após esta justificativa ampla de como o continente africano faz parte das Rotas da Seda – levando em consideração suas particularidades – devemos nos voltar a aspectos mais específicos desta inserção. O primeiro passo é discutir sobre o papel das viagens no mundo islâmico africano (rotas comerciais e peregrinações). Já o segundo passo é estudar um testemunho sobre esta integração na prática: a importância da fonte primária deixada pelo viajante tangerino Ibn Battuta.

* * *

O mundo muçulmano estava integrado através dos preceitos de uma religião comum (o próprio islamismo) e de uma língua comum (basicamente o árabe). Com a conquista de imensos territórios efetuada pelos praticantes daquela religião, os Abássidas preocupam-se em estabelecer melhores comunicações entre regiões islamizadas. Um meio para tanto seria o de interligar as vastas e diversas regiões do império através de um sistema de informação/comunicação semelhante ao que poderíamos chamar de *correio*.

Esta importância dada à integração das partes longínquas do império islâmico será o ponto de partida para a formulação de estudos geográficos e de relatos de viajantes. Estes trabalhos inicialmente aparecem por volta do século IX em obras que relatam dados topográficos, astrológicos sobre diversas regiões do Islã. São produzidos a partir de viagens comerciais e/ou oficiais (não havia grande distinção dessas formas) a outros povos islâmicos.

Já no século X, há uma certa mudança de enfoque destes trabalhos ao se buscar um conhecimento cada vez mais detalhista das regiões abarcadas pelo Islã. Isto é, determinar a posição dos países, as orientações para os itinerários, etc. O mundo islâmico visa unificar rotas terrestres e marítimas entre a China e o Atlântico – e tal trabalho de pesquisa geográfica facilita isso.

Por fim, por volta do século XII há o desenvolvimento (no início por árabes ocidentais da região magrebina e ibérica) de outra forma de relato de viagem: a *rihla*. Ela é diferente de um relato de viagem comum. Seu mote é a peregrinação a Meca e em seu conteúdo desenvolve-se a busca pelo interesse de aquisição de conhecimento de grandes centros orientais – como Cairo, Bagdá, entre outros – e a demonstração de um grande espírito de aventuras, denotando o maravilhoso da viagem. Ibn Battuta foi autor de umas das mais conhecidas *rihla* daquela época.

Sams ad-Din Abu Abdallah Muhammad b. Abdallah b. Muhammad b. Ibrahim b. Muhammad b. Ibrahim b. Yusuf al-Luwati at-Tanyi, ou Ibn Battuta, o tangerino, nasceu em Tanger, Marrocos (1304 – 1368/9 ou 1377). Sunita, parte em 1325 para Meca a fim de fazer um dos pilares básicos do Islã, a peregrinação. Durante mais de duas décadas sua viagem dura. A razão para tanto tempo vem da circunstância de que o próprio passou pelas mais diversas regiões do mundo islâmico e também fora do Islã (como, por exemplo, Constantinopla e Rússia). Após tanto tempo fora, Battuta volta ao Marrocos e narra suas viagens para o granadino Ibn Yuzayy – o verdadeiro responsável pela escrita e organização da fonte que hoje

a conhecemos – com o objetivo de informar ao sultão Abu Inan sobre regiões distantes do Marrocos, dados escassos à época (daí advém a importância da *rihla* de Battuta)¹⁰.

A fonte nos traça uma viagem de longo trajeto. O tangerino parte do extremo ocidente islâmico (o *magreb*), pelo norte da África, até chegar a Meca. Seu itinerário pelo deserto (não só africano, mas também arábico) é o mesmo das caravanas de comércio existente. Da cidade sagrada destina-se ao sul (à costa oriental da África) de depois ao norte (rumo a Constantinopla e entre o Mar Negro e Cáspio). De lá vai à Índia e China. Volta do Extremo Oriente para a Península Arábica – passando mais uma vez em Meca – e de lá vai ao Marrocos. Deste viaja ao sul do Saara rumo ao império do Mali (destacando-se por ser uma rara fonte escrita sobre aquela região). Do Mali volta definitivamente ao Marrocos e começa a ditar seu testemunho que o legará a alcunha de *viajante do Islã*.

Ao passar pelos mais diversos locais, Battuta demonstra a interligação por meio de rotas comerciais dos mais diversos setores do mundo do Islã – é um forte indício da interligação entre as partes ocidentais e orientais do mundo islâmico. Por onde passa, seus focos de interesse são mostrar as características religiosas de cada povo (sempre com o ponto de vista de seu islamismo), as fontes materiais de suas riquezas, e as peculiaridades da natureza de cada lugar (algo que podemos inferir como relacionado às questões geográficas).

Outra questão que envolve a viagem de Ibn Battuta e a relaciona às Rotas da Seda é como a viagem foi possível? Não fica claro na fonte o financiamento da mesma, mas podemos inferir que a hospitalidade dos povos de regiões remotas aos viajantes possa ter sido determinante para a concretização das viagens. Tal hospitalidade é encontrada na obra de Battuta – muitas são as referências a isto na fonte –, todavia não pode ser encarada como uma mera benesse. Fatores religiosos (a acolhida aos viajantes é algo determinado inclusive no Corão) e de interesse imediato (esta *solidariedade* estava relacionada também a uma questão de sobrevivência para aqueles povos quando faziam viagens de longo alcance) estavam envolvidos.

Haja vista a conjugação de elementos gerais (panorama do império islâmico e do contexto africano) aos mais específicos (a *rihla* do viajante tangerino) é possível concluirmos na importância das viagens na civilização islâmica por rotas motivadas pelo comércio e por questões religiosas como a peregrinação à Meca – um dos preceitos fundamentais do islâmico, desde que tenha condições para tanto. Levando em consideração o duplo sentido da viagem no Islã – que, na narração de uma *rihla* não está dissociado – podemos afirmar que a inserção da África islâmica nas Rotas da Seda ocorre sem dúvida não só porque várias das rotas passam pelos territórios islâmicos, mas também porque o intenso fluxo de caravanas / viajantes indo e vindo pelas diversas partes dos domínios daquela religião.

Notas

1. MACEDO, José Rivair (org.). *Os estudos medievais no Brasil*. Catálogo de dissertações e teses: Filosofia, História, Letras (1990-2002). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
2. AMIN, Samir. *El eurocentrismo: crítica de una ideología*. México: Siglo XXI, 1989. (mimeografado)
3. Há vários viajantes que circularam pelas Rotas da Seda durante a Idade Média. podemos listar como exemplo Marco Polo, Cosmas Indicopleutes, Orderic de Pordenone, Ibn Battuta, entre outros. Dados retirados do Projeto de Pesquisa "Nos caminhos das Rotas da Seda: relações entre oriente e ocidente durante a Idade Média (séculos VI-XV)", coordenado pelo prof. dr. José Rivair Macedo (UFRGS).
4. Conforme LE GOFF, Jacques. O Ocidente medieval e o oceano Índico: um horizonte onírico. In:____. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980. p.263- 280.
5. Este artigo foi fruto de um trabalho que se desenvolveu graças ao Projeto de Pesquisa "Nos caminhos da Rota da Seda: relações entre oriente e ocidente durante a Idade Média – séculos VI ao XV", coordenado pelo professor doutor José Rivair Macedo - UFRGS).
6. Visão muito presente em BOULNOIS, Luce. *A rota da seda*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999. (Coleção Aventura & Viagens, n. 16)
7. Ver mais em SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. A região do Índico entra numa dinâmica de inserção, mas ela merece um estudo mais específico e que este artigo não comporta. Para maiores informações ver publicação resultante da "Reunion de Expertos sobre los Contactos Historicos Entre Africa Oriental por Una Parte y el Sureste Asiatico por Otra, a Traves del Oceano Indico (1974: Mauricio): *Relaciones historicas a traves del oceano indico*. Paris: Serbal, 1983. 224p. (Coleccion de temas africanos; n. 11).
8. Podemos argumentar que a África Islamizada relaciona-se muito mais ao contexto mediterrânico – e, portanto, europeu – o que faria ser zona integrante da Rota da Seda. Mas esta é uma perspectiva que leva em consideração mais a presença da Europa do que a conexão da África em si mesma a um contexto maior.
9. Ver MOLLAT, Michel. *Los exploradores del siglo XIII al XVI*. Primeras miradas sobre nuevos mundos. México: FCE, 1990.
10. A fonte primária estudada encontra-se em IBN BATTUTA. *A través del Islam*. Madrid; Alianza Editorial, 1987.